



# A Santa Sé

---

VISITA PASTORAL A PALERMO (SICÍLIA)

20-21 DE NOVEMBRO DE 1982

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II  
AOS SACERDOTES, RELIGIOSOS  
E SEMINARISTAS**

*Catedral de Palermo*

*Sábado, 20 de Novembro de 1982*

*"Caritas mea cum omnibus vobis!" (1 Cor. 16, 24)*

*Caríssimos!*

1. Entrando nesta maravilhosa Catedral, na véspera da Solenidade de "Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo", dirijo a minha afectuosa saudação a toda a Santa Igreja de Deus que está em Palermo: ao seu zeloso e intrépido Pastor, o venerado Cardeal Salvatore Pappalardo, sucessor de São Maximiliano, Bispo e Mártir; aos Bispos Auxiliares; aos Presbíteros; aos Religiosos; aos Seminaristas; aos Membros do Conselho pastoral diocesano e aos Representantes dos Conselhos pastorais paroquiais de toda a Comunidade diocesana; dirijo-me a todas as componentes da Igreja particular, todas elas orientadas a trabalhar sem descanso para corresponderem, nas várias actividades pastorais e eclesiais, ao plano de Deus que — como diz a Liturgia da iminente Solenidade — quer renovar todas as coisas em Cristo seu Filho, Rei do Universo, para que toda a criatura, livre da escravidão do pecado, sirva e louve eternamente a Deus, Nosso Senhor (cf. *Oratio collecta*).

Sim, caros Irmãos. "Caritas mea cum omnibus vobis". O Papa ama-vos, e veio entre vós trazido pelo profundo impulso do amor "derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo, que nos foi concedido" (*Rom 5, 5*).

Nos dias, que precederam esta peregrinação, reservei um lugar particular nas minhas orações para vós, sacerdotes de Palermo e da Sicília. Sobre o altar do Senhor e, aos pés da Virgem Santíssima, depus o zelo com que entreteceis o trabalho quotidiano, as aspirações apostólicas que vos animam, os problemas e as dificuldades que encontrais. Procurando imaginar-me nas situações em que fostes chamados a trabalhar para o Reino de Deus, implorei para vós abundância de luz e de força.

Agora estou certo que ao receberdes o meu abraço "com o ósculo da caridade" (1 Ped 5, 14) os vossos pensamentos voltam, trepidantes e comovidos, ao alvorecer do vosso sacerdócio, ao beijo de paz, que então recebestes do Bispo consagrante. Daquele gesto queria fazer-vos reviver hoje o valor perene e o significado pessoal e eclesial.

## 2. A beleza divina do carácter sacerdotal!

Celebram-na com eloquente linguagem as paredes deste Templo insigne. E não tanto pelos seus vestígios de história e de arte, quanto pela conservação e testemunho do património religioso, que permeou vida e cultura, e sobreviveu à veloz corrida dos séculos.

Igreja-Mãe, a catedral; ninho, berço, fonte da graça do sacerdócio. Cátedra do *múnus* episcopal, daquele *múnus* ao qual compete confirmar exteriormente a palavra definitiva do diálogo pessoal com Deus, em resposta à sua misteriosa chamada. Lugar sagrado das primícias sacerdotais, centro da sua irradiação, pólo no qual confluem incessantemente os pensamentos e os corações, e onde, dos diversos lugares do seu trabalho, se reúnem os operários do Evangelho, protegidos pelo vínculo de uma unidade doce e que obriga.

"O sacerdote ministerial — afirma o Concílio Vaticano II — pelo poder sagrado em que é investido, vitaliza e dirige o Povo de Deus, realiza o sacrifício eucarístico na pessoa de Cristo e oferece-o a Deus em nome de todo o povo" (*Lumen gentium*, 10).

Nesta afirmação entendemos o núcleo da sacralidade do ser, da íntima natureza do sacerdócio. E simultaneamente a sua tríplice projecção: Deus, Cristo, o Povo de Deus. Deus Criador e Pai, princípio e fim supremo, aquele que por sua espontânea e preveniente iniciativa nos amou, nos escolheu e chamou; Cristo, o Divino Mediador, Sumo e eterno Sacerdote, que vem identificar-se, em certo sentido, com as nossas humildes pessoas e confia aos nossos pobres lábios o divino poder da sua palavra; o Povo, santo também ele em virtude do sacerdócio comum, de que todavia é devedor ao qualificado e essencial diverso serviço presbiteral, o qual reveste por conseguinte uma necessidade ontológica e insubstituível.

Os textos conciliares e os sucessivos documentos pontifícios e sinodais alargam o olhar para o horizonte desta realidade sacerdotal, evidenciam-lhe a união essencial com o Bispo e as expressões do seu concreto exercício, reafirmando sempre a mística identificação "in persona

Christi". que é a nossa principal razão de ser.

Desejo hoje confirmar-vos, fortificar-vos, radicar-vos cada vez mais a fundo naquela *sagrada realidade*, que constitui o ser do sacerdote. Como Jesus, bato à porta do vosso coração, amadíssimos Irmãos, e, com toda a força da persuasão de que sou capaz, digo a cada um: sacerdote, *sê aquilo que és*; sem restrições, sem subterfúgios, sem compromissos diante de Deus e da tua consciência; antes de tudo. O que és por dom gratuito na ordem da graça, sê-o na estrutura da tua personalidade, no modo de pensar e de amar. Tem sempre e claramente *a coragem da verdade do teu sacerdócio*. Nenhuma sombra ofusque a luz que está em ti. Nenhum desvio te afaste da estrutura da tua sacralidade. Nenhum sinal de morte detenha a circulação da vida, de que és depositário.

Como desejaria que o inteiro conjunto presbiteral fizesse própria a afirmação do Apóstolo: Somos e sentimo-nos verdadeiramente homens de Deus e seus cooperadores! (cf. *1 Cor 3, 9*).

3. A coragem da santidade do ser comporta a *coragem da santidade do viver*.

É uma questão de elementar coerência, a qual, se pode encontrar oposições e incompreensões em sectores da sociedade, que depõem ainda confiança total em concepções de inspiração materialista, para nós é absolutamente natural.

Todos na Igreja somos chamados à santidade. O Concílio explicou-o esmeradamente no esplêndido capítulo quinto da *Lumen gentium*, dedicado à "vocação universal à santidade na Igreja" (nn. 39-42).

Os sacerdotes são obrigados a isso de modo particular, "uma vez que consagrados de um modo singular a Deus pela recepção do Sacramento da Ordem, são tornados instrumentos vivos de Cristo eterno Sacerdote" (*Presbyterorum ordinis*, 12).

Na fragilidade da natureza humana adquire valor decisivo o compromisso a revestir-se de Cristo, como esforço nunca terminado de realizar em nós as suas potencialidades: "Induite Dominum Iesum Christum" (*Rom 13, 14*).

É trabalho árduo e assíduo, do qual não se podem encontrar senão pálidos confrontos na experiência terrena, *porque Cristo é perfeito Deus e perfeito homem*. O próprio Apóstolo Paulo não se propõe a si mesmo como exemplo, senão no seu esforço por imitar a Cristo: "Rogo-vos, pois, que sejais meus imitadores, como eu o sou de Cristo" (*1 Cor 4, 16*). A imponente falange de irmãos sacerdotes, cuja heroicidade das virtudes a Igreja reconheceu, repete o mesmo apelo. E oferece límpidos exemplos dos caminhos e dos modos, com que pode ser satisfeita a tensão de imitar o Divino Modelo. São modos e caminhos bastante diversos, como diversos são os indivíduos e as épocas. Quase para confirmar, se isso fosse necessário, que nenhum sacerdote,

em circunstância alguma, pode considerar-se, nem sequer apenas parcialmente, exonerado das alturas de tal sublime chamada.

Ela implica a disponibilidade não só a renegar-se a si mesmo e a tomar a cruz, mas também a imolar-se, a fazer da vida uma continua Missa.

A diminuir as distâncias no difícil caminho, a mitigar as agruras e a superar os obstáculos, vigia sobre nós, com a sensibilidade do seu coração e o poder da sua intercessão, Maria, Mãe do Eterno Sacerdote e de todos os sacerdotes. Não vos canseis nunca de recorrer a ela, venerados e caros Irmãos. Rezai com humilde insistência e plena confiança. A Virgem Santíssima acolherá as vossas súplicas. Será a "Estrela matutina", que a cada despertar estenderá uma luz sempre nova diante dos vossos passos.

4. Eis, enfim, a *coragem da fidelidade a missão de salvação*, a que fostes chamados. É um aspecto da fidelidade a Deus, a Cristo, à Igreja.

Muitas circunstâncias, sem dúvida, não são favoráveis à missão sacerdotal no nosso tempo. O meu venerado predecessor Paulo VI, [na homilia da última Sessão do Concílio Vaticano II, a 7 de Dezembro de 1965](#), lamentava com amargurada lucidez que o nosso tempo "se dirige à conquista do reino da terra mais do que do reino dos céus", de modo que "o esquecimento de Deus torna-se habitual e parece, sem razão, sugerido pelo progresso científico", e "as expressões do espírito atingem vértices de irradiação e de desolação" (cf. AAS, 58, 1966, p. 52 s). Diagnóstico realista! O multiplicar-se e o agravar-se da violência e do terrorismo, a rede múltipla e subterrânea da delinquência, que acaba em crimes e homicídios, são os sinais alarmantes da decadência do sentido religioso e, com ele, do nível de civilização.

Nesta dramática realidade o Evangelho deve ser proclamado alto e bom som. Por conseguinte o ministério sacerdotal é chamado a uma operosidade que não conheça cansaços, a uma pastoral concorde nos fins e nos métodos, a uma total união em redor dos Pastores, que desempenham a primária responsabilidade da guia da Igreja local. Tal união exprimir-se-á no trabalho quotidiano e capilar, em sede diocesana e paroquial, nos ramos da pastoral especializada, e terá clara aplicação no fundamental compromisso de promover os valores espirituais e morais, que coincidem com os valores autênticos do homem. Recomendo-vos com particular calor a catequese das crianças e dos jovens, uma catequese adequada às suas possibilidades e necessidades, que os oriente solidamente na verdade, na honestidade, no bem. Sede educadores e formadores de consciências justas, rectas e iluminadas, para que os fiéis sejam bem guiados nas suas conscientes opções em campo moral.

Principal e incomparável amparo é a graça de Deus.

Deus segue com amor os operários do seu reino e faz germinar a semente por eles lançada.

Pede confiança na sua assistência e a coragem da fidelidade. Em troca faz frutificar os talentos confiados a cada um de nós, "se — como recorda São Gregório Magno, muito ligado a esta Terra da Sicília — com a nossa vida e com a nossa palavra ganhamos as almas dos irmãos; se reforçamos os tíbios no amor sobrenatural anunciando as alegrias do reino dos céus; se fazendo ecoar a terrível ameaça das penas do inferno convertemos os perversos e os soberbos: se não usamos com ninguém uma indulgência incompatível com a verdade; se mantemos a amizade com Deus e não tememos as inimizades dos homens" (*Epistolarum lib.*, II, Ep. 47, *ad Dominicum Episcopum*: PL 77, 587).

Não quereria deixar de acentuar o especial título com que ofereço estas reflexões também aos caríssimos sacerdotes religiosos, componente predominante do presbitério, inseridos na pastoral ao governo de numerosas paróquias da Arquidiocese de Palermo e das várias Dioceses da Sicília, e representados em todos os organismos da vida eclesial nos vários níveis; como também as dirijo aos Seminaristas, que se preparam, na oração e no estudo, para o Sacerdócio. Dirijo também aos Leigos empenhados no apostolado um premente convite para que dêem generosamente, a nível paroquial e diocesano, o precioso e insubstituível contributo da sua acção, do seu tempo, das suas energias, dos seus dons de inteligência e de cultura para participar na dilatação do Reino de Cristo!

Caríssimos!

Concluo, confiando a minha saudação de bons votos às palavras do Apóstolo: "O Senhor vos faça aumentar e abundar em caridade uns para com os outros e para com todos, tal como nós para convosco. Que Ele confirme os vossos corações e os torne irrepreensíveis em santidade, diante de Deus, nosso Pai" (2 Tess 3, 12-13).

Com a minha afectuosa Bênção Apostólica.